



## **Webdocumentário Vale do rio de lama: no rastro da destruição - uma análise da reconstrução da imagem da mineradora Samarco**

**Bárbara Arruda Souza<sup>1</sup>**

**Erivam de Oliveira<sup>2</sup>**

**Silvio Henrique V. Barbosa<sup>3</sup>**

**Escola Superior de Propaganda e Marketing – SP**

### **Resumo**

O webdocumentário Vale do rio de lama: no rastro da destruição é um dos produtos realizados a partir da viagem de cinco dias, em abril de 2016, em que percorremos 3 mil quilômetros de estrada, margeando o rio Doce, do local em que nasce, em Minas Gerais, até a foz, em Regência (ES). O objetivo foi observar os danos causados pelo vazamento dos resíduos da Samarco, dos grupos Vale e BHP, ao completarem-se seis meses da maior tragédia ambiental do país. Entrevistamos ribeirinhos, sitiantes, pescadores e observamos um discurso comum, surpreendentemente semelhante ao governamental que temos ouvido na grande mídia, um discurso servil, de gratidão, à empresa que matou o rio Doce. A explicação está na ajuda de custo oferecida e na promessa de pagamento de indenização e de reforma de casas. O poderio econômico faz-se presente, portanto, oferecendo um bem-sucedido cala-boca às populações locais, com o objetivo de impedir protestos que afetem negativamente a imagem das três empresas envolvidas.

**Palavras-chave:** webdocumentário; multimídia; meio-ambiente; Samarco; imagem empresarial.

---

<sup>1</sup> Bacharel em jornalismo (2015) pela ESPM-SP, ganhou o prêmio de melhor projeto em graduação em jornalismo na categoria Ensaio Fotográfico. [barbaraarruda.souza@gmail.com](mailto:barbaraarruda.souza@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, professor do curso de jornalismo da ESPM-SP e Secretário-geral da ARFOC – Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos no Estado de São Paulo. [erivam.oliveira@gmail.com](mailto:erivam.oliveira@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutor em Ciências da Comunicação (USP) e Mestre em Filosofia do Direito (USP), é professor do curso de jornalismo e do Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado - MPPJM, da ESPM-SP, [shbarbosa@hotmail.com](mailto:shbarbosa@hotmail.com).



## I. A tragédia

A Companhia Mineradora Samarco, que produz e exporta minério de ferro, entre outros minerais, e de propriedade da Vale do Rio Doce e da australiana BHP Billiton, é responsável pelas duas represas de rejeitos que romperam no dia 05 de novembro de 2015, liberando toneladas de lama contaminada e destruindo a comunidade de Bento Rodrigues, distrito do município de Mariana, em Minas Gerais.

Dezenove mineiros e moradores morreram soterrados sob 5 metros de lama e dezenas de famílias ficaram desabrigadas em pelo menos 3 municípios mineiros.

Mas enquanto o presidente da australiana BHP, Andrew Mackenzie, falou com a imprensa desde o primeiro dia e embarcou para o Brasil, Murilo Ferreira, presidente da Vale, e nascido no mesmo estado da tragédia, Minas, divulgou uma vaga declaração.

Sete dias após o vazamento, e com a repercussão nas principais mídias mundiais, a presidente Dilma Roussef sobrevoou a área, a apenas uma hora de voo de Brasília.

Além da destruição imediata, a lama destruiu dois importantes rios, do Carmo, que corta municípios mineiros até desembocar no rio Doce, que percorre o sudeste mineiro e vai desembocar no mar, no município de Linhares, no Espírito Santo. Com a contaminação, 15 cidades dos dois estados tiveram que interromper a captação de água, prejudicando meio milhão de moradores.

Para marcar os seis meses da tragédia, nossa equipe, que junta tem 69 anos e 10 meses de jornalismo, viajou 3 mil quilômetros de estrada, 6 dias de viagem, 11 cidades e distritos, 4 rios, 4 estados... Nossa missão? Percorrer o rastro de destruição deixada pelo vazamento de lama da Samarco, 6 meses após o desastre. O resultado desse trabalho: a cobertura fotográfica e a produção do documentário " Vale do rio de lama - no rastro da destruição", com cerca de 25 minutos, mostrando como está a situação ao longo das áreas atingidas pelo grande vazamento. Além disso, o material fotográfico e audiovisual foi adaptado ao formato multimídia, no blog <https://valedoriodelamablog.wordpress.com/sobre/>.

A viagem, que incluiu fotos e reportagens audiovisuais, registrou como moradores ribeirinhos foram atendidos após a perda de suas propriedades e criações, como pescadores enfrentam a perda de seu trabalho, como os comerciantes que dependem do turismo no litoral capixaba enfrentam os prejuízos, enfim, uma cobertura documental do lado humano da tragédia, a visão de quem sofre com a morte do rio Doce.



Ruínas de Bento Rodrigues, em 17/04/2016, por Erivam de Oliveira.

A mineração é uma atividade altamente agressiva e de risco para o meio ambiente. A Vale do Rio Doce tem minerado e deixado depósitos de rejeitos ao longo dos últimos 70 anos em Minas Gerais. A redor do mundo, a atividade tem adotado procedimentos para prevenir e mitigar possível desastres. No caso dessa tragédia, o que pode ser verificado é que a Samarco/Vale foi negligente na prevenção e não se mostrou capaz de executar um plano em caso de desastre. Prevenção e mitigação de danos é o mínimo que se pode exigir de companhias que lidar com atividades de alto risco.

Entre outras questões óbvias de segurança, nota-se a falta de sirene de alerta ou plano de emergência para a retirada dos moradores ribeirinhos abaixo da represa de rejeitos. Um relatório de 2013 de procuradores estaduais alertou para sérios riscos na segurança da série de represas da Samarco. E pediu a criação de um plano de emergência para Bento Rodrigues, distrito soterrado pela lama, com a realização de exercícios práticos para treinar os moradores em caso de evacuação, como condição para a renovação da licença ambiental para a operação das represas na área.

Entretanto, tal plano jamais foi colocado em ação e os moradores de Bento só conseguiram abandonar as casas porque foram avisados pelo celular por funcionários da Samarco com parentes no distrito destruído.

A própria diretora da escola foi avisada dessa forma, mandando as cerca de 30 crianças correrem para o morro mais próximo, a tempo de salvá-las do tsunami que lama que derrubou todas as paredes das salas de aula.



Da mesma forma como a ação da empresa beirou a negligência criminosa, algo que está sendo investigado pela justiça, os órgãos governamentais também tiveram sua preocupante dose de negligência. Os ministérios de Minas e Energia e do Meio Ambiente não prestaram a devida atenção aos riscos representados pela montanha de lama presa a curta distância de uma zona residencial, a qual não contava com planos de evacuação.

Como maior companhia mineradora do país, a Vale do Rio Doce é também a maior doadora individual às campanhas eleitorais municipais e estaduais, ajudando na eleição de vereadores, prefeitos, deputados estaduais e federais, do governador de Minas e da própria presidência. Isso dá a dimensão real do porque tão poucas e, ao mesmo tempo, tão suaves críticas foram feitas às mineradoras, que são as maiores recolhedoras de impostos em boa parte dos municípios afetados, garantindo ainda o emprego de milhares de pessoas em toda a região.

Diante desse quadro em que essas mineradoras representam emprego, dinheiro no comércio, pagamento de impostos municipais, estaduais e federais e ajuda aos políticos em suas campanhas, não é de se estranhar que as entrevistas que colhemos ao longo de nossa jornada não apresentem críticas ao grupo Samarco/Vale. Pelo contrário, como veremos a partir de agora, os discursos de moradores ribeirinhos, de sitiantes, de pescadores que não podem pescar e de comerciantes guardam um tom de respeito pelas ações das mineradoras.

## II. Entrevistas

Nossa primeira entrevistada, no município de Barra Longa, a comerciante Selma Alves Sampaio, de 75 anos, teve o quintal, com piscina, horta, galinheiro e lavanderia, destruído pela onda de lama. Ela descreve o drama de ver parte de sua cidade destruída e a morte de suas vinte galinhas poedeiras, mas não faz críticas à Samarco, que chega a elogiar:

Mas a Samarco está trabalhando muito bem. Até falaram que o presidente da Samarco é uma pessoa muito boa... minha filha falou. E a gente está esperando... Meu serviço eles ainda não pegaram não. Porque está me fazendo falta a lavanderia, né, por causa da pousada... pessoas que frequentam aqui. Mas o meu ainda está bem estragado.... Meu vizinho teve problema de saúde então eles estão olhando por ele.



Selma Alves Sampaio, 75 anos, comerciante atingida pelo rio de lama  
Foto em 17/04/2016, por Erivam de Oliveira

Eu perguntei - Sua casa está toda arrumada?

Está não, a parte que a água atingiu. Só o muro né, que eles fizeram o muro do vizinho. A garagem está com o chão quebrado, paredes caídas, tinha portão, tinha tudo...mas eles estão arrumando, os muros foram feitos... A Samarco parece que está trabalhando muito bem. Vamos esperar que volte, né. Meu quintal era todo plantado, horta, criação de galinhas, muito arrumado, muito florido. Precisava ver como que era. Os quintais de todo mundo aqui, sabe, eram bonitos, muito bem cuidados. O meu está ainda jogado.

No distrito de Ponte Nova, entrevistamos o sitiante José Maria Dominiguit, que teve a parte baixa do sítio atingida pela lama, que matou bananeiras e um pé de jaca. Questionado se a Samarco já havia lhe procurado, respondeu afirmativamente: “Procurou, estão dando assistência. A cerca entupiu, já puseram cerca nova. Dá toda a assistência.”

Também entrevistada em Ponte Nova, a sitiante Maria do Rosário falou da tristeza de ver os rios do Carmo e Doce tão poluídos pela lama. Apesar disso, elogiou a atuação da Samarco:

Ela tá (sic) dando toda a assistência. São poucas as famílias que pertencem à cidade de Ponte Nova. Mas estão recebendo todo o suporte, alimentação para



as vacas leiteiras, estão recebendo sim toda a atenção.... Não tá (sic) havendo reclamação de ninguém de que eles deixaram eles de qualquer forma aí.



O encontro das águas lamacentas do rio do Carmo com o limpo Piranga marca o nascimento do rio Doce, em Ponte Nova, Minas Gerais – Foto em 18/04/2016, por Erivam de Oliveira

Mas a entrevista mais emblemática foi com a dona de uma pousada no distrito de Regência, litoral do município de Linhares, no Espírito Santo, onde o rio Doce desagua, lançando ao mar, até agora, água com forte cor de lama. Área que depende do turismo, por oferecer belas praias, ótimas para o surf, Regência viu o movimento despencar por causa da lama.

Sede de uma base do Projeto Tamar, que monitora áreas de desova de tartarugas marinhas, Regência vive também a paralisia de outra fonte da economia, a pesca. Os pescadores locais não podem pescar enquanto não houver a certeza de que a lama não está transferindo contaminantes para os animais. Para dona Lourdes Ferreira, a chegada da lama veio acompanhada pelo que define como “privilégio” de poder alugar a pousada para a Samarco hospedar seus funcionários:

Para mim não mudou muita coisa não porque a lama chegou e eu tive o privilegio da Samarco entrar na minha pousada né.... Para algumas pessoas mudou mas para mim não muda nada.



Lourdes Ferreira, dona de pousada "alugada" pela Samarco  
Foto em 20/04/2016, por Barbara Souza

Questionada sobre como está o restante da economia do distrito, ela faz uma crítica sim, mas não à Samarco:

Governo não investe aqui, a prefeitura não investe aqui. Isso também afeta nossa Regência e com essa lama aí diminuiu um pouco o turismo... A vida dos pescadores mudou porque realmente não podem mais pescar, mas estão sendo beneficiados pela Samarco... Cartões, a Samarco está dando cartões aos pescadores. Com o cartão vão ao banco e retiram o dinheiro. Pescadores não podem reclamar nada porque estão recebendo.

Por fim, uma última entrevista que merece ser citada é com o coordenador do Projeto Tamar em Regência, Carlos Sangalia, que também é vice-presidente da Bacia Hidrográfica e Foz do Rio Doce. Ele explicou como foi feita a proteção às áreas de desova, evitando críticas à Samarco:

Tem equipes fazendo coleta nos ninhos que estão nascendo. Pesquisadores coletando filhotes que não vingaram, casca de ovos para ver se material contaminante está incrustado.... Foi feito monitoramento além do que costuma ser feito. Foram contratadas pessoas para fazer monitoramento mais constante nessas áreas.... Tem que ter monitoramento constante. Na questão marinha foram divulgados relatórios de contaminação de peixes, mas tem que ser constante.



Na foz do rio Doce, em Regência, município de Linhares (ES),  
o mar ainda guarda a cor da lama liberada pelo vazamento da Samarco  
Foto em 20/04/2016, por Barbara Souza

Encerrando a análise sobre o drama do rio Doce, Carlos Sangalia deixa a entender que o vazamento da Samarco foi tão somente mais um dos muitos problemas enfrentados pelo rio:

Tem que analisar a coisa numa visão mais holística, senão a lama passa, a Samarco passa e os problemas persistem. Então, quero dizer o seguinte, o rio já vem há anos pedindo socorro, toda a bacia do rio Doce, pedindo socorro e morrendo devagar. Vamos dizer que ele estava na UTI, com soro, com máscara e aí apertou um pouco mais a mangueira do soro, e apertou o oxigênio. Então está tipo assim, quase morrendo e diminuíram um pouco mais a capacidade de vida.



### III. Esperança

Na parte final da entrevista, o vice-presidente da Bacia Hidrográfica e Foz do Rio Doce, Carlos Sangalia, demonstra otimismo, afirmando que essa tragédia pode ser o ponto de virada para a recuperação do rio Doce:

Momento de muitas reflexões e de possibilidade de enxergar esse Raio X e fazer mudanças e recuperar o rio e fazer que fique melhor. Capacidade tem: firmado convenio entre governo do estado e inglês sobre recuperação de rios lá, que estavam piores, voltou agricultura, rio limpo, tá mais piscoso, tem exemplos da França, tem capacidade do rio de fazer com que fique até melhor do que era e não pensando só na lama e na Samarco, mas aproveitando isso para fazer grande reflexão sobre processo de desenvolvimento socioeconômico, matrizes o que que contamina, provoca para poder melhorar tudo e assim fazer uma recuperação melhor.



Rio Doce, ainda com cor de lama, ao atravessar Governador Valadares (MG), em abril de 2016  
Foto em 19/04/2016, por Erivam de Oliveira



#### IV. Conclusão

Na falta de entrevistados com visão crítica, ou disposição para apontar o dedo para o causador de toda a tragédia, o grupo Samarco/Vale, o desafio social ficou por conta de uma pichação, que testemunhamos num muro da cidade de Colatina, no Espírito Santo.

Nosso documentário mostra um desenho simples, na parede branca de um galpão, ao lado da ferrovia que transporta os minérios de Minas. Trata-se de uma fileira de peixes estilizados, e, sobre eles, a frase “Vale Assassina”.

O protesto silencioso revela, ao que pudemos observar, uma exceção frente à opinião daqueles que, prejudicados, contentam-se com a ajuda financeira prestada pela Samarco/Vale (Mas até quando?), na forma de bolsas-salário para pescadores, pagamento de pousadas e aluguel de casas para os desabrigados e promessas de indenização para todos os milhares de atingidos ao longo dos dois estados cortados pelo vale do rio Doce.

Sendo assim, observamos que do ponto de vista de recuperação da imagem, o grupo Samarco/Vale está sendo vitorioso, impedindo a demonstração pública do descontentamento e realização de protestos que viriam macular ainda mais a imagem e o valor econômico das empresas envolvidas, com destaque para a australiana BHP Billiton, multinacional com capital internacional, que precisa zelar de forma criteriosa para não ter seu nome associado à destruição do meio-ambiente em países em desenvolvimento.

A realização de protestos certamente afetaria a imagem da multinacional diante de acionistas e da opinião pública australiana.

O grupo Samarco/Vale/BHP comprometeu-se - com a Justiça e os governos estaduais de Minas e do Espírito Santo - a investir R\$ 20 bilhões na recuperação ambiental do vale do rio Doce, em 41 projetos, incluindo-se aí a revitalização de 5 mil fontes d'água, com o conseqüente reflorestamento de áreas historicamente devastadas e a recriação das matas ciliares.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> <http://www.samarco.com>



Funcionário da Samarco vistoria sistema de contenção que tenta impedir que a lama do vazamento atinja as áreas de mangue na foz do rio Doce.  
Foto em 20/04/2016, por Erivam de Oliveira

O acordo, homologado em 05 de maio, véspera do aniversário de 6 meses da tragédia, foi negociado com diversas instituições, a quem caberá a fiscalização das ações socioambientais, como Ministério Público Federal e Estadual de Minas Gerais e Espírito Santo, Ibama, Instituto Chico Mendes, ANA (Agência Nacional de Águas), DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral), IEF (Instituto Estadual de Florestas), IGAM (Instituto Mineiro de Gestão de Águas), FEAM (Fundação Estadual de Meio Ambiente), IEMA (Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Espírito Santo) e AGERH (Agência Estadual de Recursos Hídricos do Espírito Santo).



## V. Referências

- ARAFIN**, Shameel. *The MediaStorm Field Guide to Powerful Multimedia Storytelling*. USA, 2012.
- BAESA**, Pepe. *Por una función crítica de la fotografía de prensa*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2001.
- BARBOSA**, Silvio Henrique V. *TV e Cidadania*. São Paulo, AllPrint Editora, 2010.
- BAKHTIN**, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. São Paulo, Hucitec; Annablume, 2002.
- BARTHES**, Roland. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- BERNARDET**, J.C. *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BLOCK**, Bruce A.. *A Narrativa visual: Criando a estrutura visual para cinema, TV e mídias digitais*. Trad.: Cláudia Mello Belhassof. São Paulo: Elsevier, 2010.
- FLUSSER**, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma Filosofia da Fotografia*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.
- FONTCUBERTA**, Joan. *El Beso de Judas Fotografia y verdad*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili S.A, 1998.
- FRANCASTEL**, Pierre: *A Realidade figurativa*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1993.
- FREUND**, Gisèle. *La fotografía como documento social*. Barcelona: G. Gili, 1986.
- JENKINS**, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.
- LIETAERT**, Matthieu. *Webdocs. A Survival Guide for Online Filmmakers*. USA, 2012. <http://notsocrazy.eu/book>.
- LINS**, C. *O Documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MRAZ**, John. *Que tiene la fotografía de documental?*, [www.zonezero.com](http://www.zonezero.com), 2003. Acessado em 12/10/2003.
- NICHOLS**, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papyrus. 2013.
- OLIVEIRA**, Erivam Morais de. *O resgate da ética no fotojornalismo: a banalização das imagens nos meios de comunicação*. Recife – PE, Artigo apresentado no FNPJ – Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, realizado na UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco no XIII Encontro Nacional de Professores de Jornalismo. pdf, 2010. Disponível em <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/viewFile/154/97>.
- \_\_\_\_\_. *Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital*. Covilhã - Portugal, Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação - Universidade da Beira Interior, <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>, 2006.
- \_\_\_\_\_, **VICENTINI**, Ari. *Fotojornalismo – uma viagem entre o analógico e o digital*. São Paulo, Cengage Learning, 2009.
- PUCCINI**, Sérgio. *Roteiro de Documentário: da pré-produção à pós-produção*. Campinas: Papyrus, 2009.
- SONTAG**, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.



# COMUNICON2016 congresso internacional comunicação e consumo

5° SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
6° ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
2° ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

---

\_\_\_\_\_. *Sobre fotografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.  
**SOUSA**, Jorge Pedro. *Uma história crítica da fotojornalismo ocidental*. Chapecó: Grifos;  
Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.